

Christian
Dunker

LUTOS

FINITOS E

INFINITOS

TRECHO ANTECIPADO PARA PUBLICAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Christian
Dunker

LUTOS

PAIDÓS
FINITOS E

INFINITOS

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Christian Ingo Lenz Dunker, 2023

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Todos os direitos reservados.

Preparação: Matheus de Sá

Revisão: Fernanda Guerriero Antunes, Valquíria Matioli e Fernanda Simões Lopes

Batida de emendas: Amanda Oliveira

Projeto gráfico e diagramação: 3Pontos Apoio Editorial Ltda.

Capa: Filipa Damião Pinto | Foresti Design

Imagem de capa: “The Lake of Zug”, de William Turner/ Metropolitan Museum of Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dunker, Christian Ingo Lenz
Lutos finitos e infinitos/ Christian Ingo Lenz Dunker. – 1. ed. – São
Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
488 p.

ISBN 978-85-422-2199-2

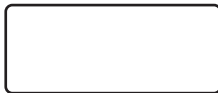
1. Psicanálise 2. Luto I. Título

23-1838

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

	Introdução.....	11
Parte I	Teorias do luto.....	33
	1. Relendo <i>Luto e melancolia</i>	35
	2. Tragédias do luto em Lacan	57
	3. O nó do luto	92
	3.1. Dor e devastação	103
	3.2. Loucura transitiva e ausência	108
	3.3. Privação, estranhamento e angústia	114
	3.4. Trauma e fantasma: o objeto <i>a</i>	121
	3.5. Supereu e reparação estética	138
	3.6. Identificação e libertação.....	150
	3.7. O nó do luto infinito: a translação do simbólico	156
	4. Contraexemplo: o luto Araweté	167
Parte II	Lutos finitos e lutos infinitos	195
	5. Análise finita, análise infinita.....	197
	6. O luto como parte do trato dos viventes	221
	6.1. Brasil como nação de enlutados	221
	6.2. Historicidade do luto	230
	6.3. Hegel ameríndio: esboço de um conceito não identitarista da identidade	242
	6.4. Lutos espectrais	254
	6.5. A conversa infinita e a reparação precária	268

7. Políticas do luto	276
7.1. Quais existências têm direito ao luto?	276
7.2. Nomes infinitos e suas mulheres	292
Parte III Antropologia psicanalítica do luto.....	313
8. Um caso clínico de luto infinito	315
9. O modelo totemista de <i>Totem e tabu</i>	325
10. O modelo animista de <i>O infamiliar (Das Unheimliche)</i>	341
10.1. Gramáticas de estranhamento	352
10.2. Indiferença e infamiliaridade	357
10.3. Outro animismo.....	363
11. Uma transleitura de <i>O Homem da Areia</i> , de E. T. A. Hoffmann	368
11.1. A realidade negativa	372
11.2. Angústia e narcisismo.....	376
11.3. Transitivismo de afetos.....	379
11.4. Causalidade fantasmática.....	381
11.5. Momento estético do luto	385
11.6. Transferência e realidade comum	388
12. Luto e sexualização.....	394
Parte IV Melancolia: uma outra estrutura	425
Lutos espectrais.....	431
Melancolias.....	436
Marie de la Trinité e a estrutura <i>borderline</i>	445
Aimée e as psicoses do Supereu.....	456
 Conclusão	 463
 Referências bibliográficas.....	 469

PARTE I

TEORIAS DO LUTO

PAIDÓS

Relendo *Luto e melancolia*

*Luto e melancolia*¹ é o último dos artigos sobre a metapsicologia, escritos por Freud entre 1914 e 1917. A ideia inicial foi discutida em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena em janeiro de 1914 e o rascunho, comentado por Abraham em 1915, culminando na publicação em 1917. Dois precedentes são importantes na teoria freudiana do luto, o *Manuscrito G*,² focado na melancolia, e o *Manuscrito N*,³ no qual se afirma que

1 A tradução ou interpolação de termos originais corre por parte do autor, bem como eventuais acréscimos de ênfases em itálico. Empregaremos as seguintes referências para abordar este artigo de Freud:

Freud, S. (1975). Trauer und Melancholie. In Freud, S. *Psychologie des Unbewußten* (Coleção Studienausgabe, Vol. 3). Frankfurt: S. Fischer.

Freud, S. (1988). Duelo y melancolía. In Freud, S. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico: trabajos sobre metapsicología, y otras obras (1914-1916)* Trad. José L. Etcheverry. (Coleção Sigmund Freud: Obras Completas, Vol. XIV). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In Freud, S. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* Trad. Paulo César de Souza. (Obras Completas, Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). *Luto e melancolia* (Marilene Carone, Trad. e Notas). São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 1917).

2 Freud, S. Rascunho G. In Freud, S. *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)*. Buenos Aires: Amorrortu.

3 Freud, S. Rascunho N. In Freud, S. *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)*. Buenos Aires: Amorrortu.

o desejo de que os pais morram é integrante da neurose, pela via de representações obsessivas ou da paranoia, exemplificada pelos delírios de perseguição e pela “desconfiança patológica dos governantes e monarcas”. O recalde desse impulso retornaria, na “exteriorização do luto”, como recriminação na melancolia, ou como castigos de retribuição, no caso da histeria: “A identificação que assim sobrevive não é outra coisa, como se vê, que um modo de pensar, e não se torna supérflua a busca do motivo”.⁴

Desde o início, o tema da identificação se infiltra no problema do luto. Ainda que certos avanços sobre esse conceito tenham sido feitos em *Introdução ao narcisismo*⁵ e em *Totem e tabu*,⁶ salta aos olhos que na lista de artigos sobre a metapsicologia Freud tenha desenhado um texto sobre a consciência, mas nada a respeito da identificação. Assim também, os acréscimos sobre a identificação, presentes em *Psicologia das massas e análise do Eu*,⁷ jamais retroagiram sobre a teoria do luto; ainda que se perceba a importância direta da ação do Ideal do Eu e do Supereu sobre a terminação do luto, nada é dito sobre como essa ação pode ser mitigada. Isso acabou aumentando o peso proporcional de *Totem e tabu* como modelo de referência para pensar as transformações inerentes ao trabalho de luto. Desse texto vem a fórmula canônica da identificação: “No ato de devoração [os filhos] consumavam a identificação com ele [o pai]”.⁸ Dele também procede a interpolação, em *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*, da ideia de que a fase oral ou canibal é o paradigma das

4 Ibidem.

5 Freud, S. (1914). *Introdução ao narcisismo*. In Freud, S. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo César de Souza. (Obras Completas, Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras.

6 Freud (1912/1914). *Totem e tabu*. In Freud, S. *Totem e tabu e outros textos (1912-1914)*. Trad. Paulo César de Souza. (Obras Completas, Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras.

7 Freud (1927). *Psicologia das massas e análise do eu*. In Freud, S. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Trad. Paulo César de Souza. (Obras Completas, Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras.

8 Freud, S. (1988). *Duelo y melancolía*. In Freud, S. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico: trabajos sobre metapsicología, y otras obras (1914-1916)*. Trad. José L. Etcheverry. (Coleção Sigmund Freud: Obras Completas, Vol. XIV). Buenos Aires: Amorrortu, p. 239.

identificações, notadamente da identificação como “etapa prévia da escolha de objeto”⁹ e da incorporação como modo de distinção dos objetos. Contudo, em *O ego e o id*, ele aventa que a identificação com o pai:

Não parece ser, no começo, o resultado ou desenlace de um investimento de objeto; é uma identificação direta e imediata, e mais antiga do que qualquer investimento de objeto.¹⁰

A ideia de uma identificação direta e imediata contrasta com as identificações secundárias ou regressivas, que formam o caráter e os sintomas, enunciadas no mesmo texto. Vê-se assim que o luto depende de uma teoria da identificação, consequentemente de uma concepção de transformação do Eu, mas também de uma espécie de busca pelos fundamentos libidinais desse processo e, ainda, do desafiador problema representado pela realização da morte como perda irreversível, por meio da prova de realidade (*Realitätsprüfung*). Dessa maneira, o luto nos remete ao processo de constituição do sujeito, sua incidência universal subsidiada pela antropologia, ao problema filosófico representado pela assimilação da realidade, em particular da realidade negativa da morte e da finitude da vida, e ainda ao problema psicológico da elaboração da perda como experiência radical de desprazer.

Para os fins a que nos propomos, vamos ler o texto de Freud centrando-nos no problema do luto, tentando isolar as operações necessárias para seu transcurso, bem como os impeditivos ou embaraços desse processo. Por isso, deixaremos para nosso último capítulo o problema representado pela melancolia, como uma espécie de desvio em relação a esse “afeto normal”, conforme a primeira definição freudiana do luto.

Segundo Freud, “O luto, geralmente, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.”¹¹ A semiologia do luto é caracterizada por:

- a. Desânimo profundamente doloroso.
- b. Suspensão do interesse pelo mundo e inibição de toda atividade.

9 Ibidem, p. 239.

10 Ibidem, p. 240.

11 Freud, S. (2010). *Luto e melancolia* (Marilene Carone, Trad. e Notas). São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 1917), p. 46.

- c. Redução da capacidade de amar.
- d. Rememoração do objeto perdido e investigação do que se perdeu junto com ele.
- e. Sentimentos ambivalentes de culpa e vergonha.
- f. Produção de um afeto normal que começa com a dor da perda e termina com a sensação agradável de libertação do eu.

No caso da melancolia, teríamos, além desses seis traços, a perturbação do sentimento de autoestima e a expectativa delirante de punição. O critério distintivo não é bom se considerarmos que o luto normalmente envolve, sim, perturbação da autoestima e expectativa de punição, desde que a perda represente sempre um abalo narcísico, mas quantitativamente menos intenso.

Portanto, para entender o que é o luto precisamos entender qual é o conceito freudiano de afeto. O termo afeto (*Affect*) traz uma dificuldade de tradução, pois, em alemão, *Trauer* (luto) e *Traurig* (tristeza) são cognatos, e conotam o momento mais imediato e agudo da perda, ao passo que a palavra *Kummer* (dor, desgosto, mágoa ou sofrimento) compreende o conjunto mais extenso do luto. Isso sugere que o luto é tanto um afeto individualizado, local e reativo como uma sensação (*Empfindung*), e ainda um sentimento (*Gefühl*), que compreende a partilha social desses afetos, mediados por ritos sociais, atos psíquicos, discursos, narrativas e mitos. Além disso, há vários termos que permitem aproximar o luto de uma emoção: *Rührung*, *Erregung* e *Emotion*, todos eles empregados por Freud. Conclui-se disso que a expressão *Affect* designa simultaneamente a capacidade local de afetação e receptividade (*affectio*), quanto o conjunto do processo de tramitação dos afetos em emoções, e a disposição para ação e das emoções em sentimentos, como experiência do mundo e de si, em afinidade com a antiga noção grega de *páthos*. Os afetos ocorrem no tempo curto das situações, as emoções correspondem à temporalidade do ato e os sentimentos, ao tempo mais extenso e mais estável do processo. Essa linha de base ou *humor* compõe um circuito que determina a captação, intensificação ou inibição de novos afetos e emoções, imprimindo neles uma tonalidade específica.

A palavra em alemão para “disposição, estado de ânimo ou humor” é *Stimmung*, que vem de *Stimme*, voz. Portanto, há um afeto e uma voz, que se formam no luto, assim como no sonho:

Depois de fazer uso do sonho como protótipo normal [*Normalvorbild*] das perturbações psíquicas narcísicas, tentaremos esclarecer a essência da melancolia comparando-a com o afeto normal do luto [*Normaler affect*].¹²

Em inglês, há uma precisão análoga: *grief* designa a reação à perda, *mourning* compreende a elaboração psíquica e ritos sociais concernentes ao luto, reservando-se o termo *bereavement* ao período no qual *grief* e *mourning* acontecem.¹³ O francês também parece reconhecer a diferença entre o afeto imediato da *affliction* (funeral), a *deuil* para o trabalho ritual e organizado do luto e *privation* para designar o estado extenso de luto, particularmente aplicado à perda de um familiar.

Disso decorrem qualidades diferenciais. O estado de ânimo do luto é doloroso (*Schmerzlich*), triste ou angustiante, provoca afetos como medo, vergonha ou culpa e se manifesta em sentimentos de estranheza, solidão ou rebaixamento de interesse. Ainda que o luto seja um “afeto normal”, e não um *estado patológico*,¹⁴ ele compreende variações inesperadas de afetos, emoções e sentimentos. Entre essas variantes encontram-se aqueles momentos de fratura ou de separação entre a produção social dos sentimentos e seu retorno como afetos em estados de efusão, embaraço ou impedimento.¹⁵ O luto é da mesma classe da melancolia, mas é um

12 Ibidem.

13 Lally, M. & Valentine-French, S. (2019, set. 25). Grief, Bereavement, and Mourning. *Social Science LibreTexts*. Recuperado de <https://socialsci.libretexts.org/@go/page/10796>.

14 Freud, S. (2010). *Luto e melancolia* (Marilene Carone, Trad. e Notas). São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 1917), p. 45.

15 “(...) quando somos de repente tomados pela evocação afetiva de um acontecimento de nosso passado difícil de ser suportado. Quando não se trata de comemoração, mas realmente do ressurgimento do afeto, quando recordamo-nos de uma cólera, estamos bem perto de uma cólera, quando, recordamo-nos de uma humilhação, revivemos a humilhação, quando recordamos da ruptura de uma ilusão, sentimos necessidade de reorganizar nosso equilíbrio e nosso campo significativo, no sentido em que se fala em campo social – pois bem, é momento mais favorável, nota Clerambault para a emergência puramente automática, de frases, algumas vezes tomadas na experiência

estado passageiro, ainda que a própria melancolia possa acontecer *em lugar do luto*.¹⁶ A comparação sugere que os sintomas estão para o sonho, assim como a melancolia está para o luto. Aprofundando a equivalência sugerida, teríamos que os sonhos, assim como o luto, são formações do inconsciente, têm uma função local e renovada a cada noite ou a cada perda, demandando um trabalho do sonho (*Traumarbeit*) comparável ao trabalho do luto (*Trauerarbeit*).

Os sintomas, assim como a melancolia, têm um aspecto crônico. Eles se repetem de forma estável ao longo do tempo. Em contraste com isso, os sonhos se caracterizam por uma admirável variabilidade. Ainda que existam certos sonhos recorrentes e certas temáticas que insistam ao longo da análise, eles são incomparavelmente menos monótonos na sua apresentação formal do que os sintomas. Existem sonhos de angústia, mas neles a função onírica parece prejudicada, ao contrário dos sintomas, nos quais a angústia é sempre iminente ou transiente. Sonhos e sintomas são realizações deformadas de desejos e soluções simbolicamente deformantes (*Ersetzen*) para o retorno do recalcado, mas nos sonhos há uma função de inibição, que nos faz entender a alusão ao narcisismo na passagem acima. Quanto aos sintomas, neles os ajustes e adaptações narcísicas são secundários em relação à sua função como realização de desejos.

De toda forma, a comparação entre luto e melancolia está atravessada pela grande dicotomia entre o *conflito no interior do Eu*, representada pela crise narcísica, pela regressão da libido ao Eu e pelo retorno da libido à própria pessoa, e a *batalha do objeto*, representada pela ambivalência, pela preservação do objeto na fantasia e pela identificação com o objeto.

O conflito no ego, que a melancolia troca pela luta em torno do objeto, tem de operar com uma ferida dolorosa, que exige um contra investimento extraordinariamente elevado.¹⁷

mais recente, e que não tem nenhuma espécie de relação significativa com aquilo de que se trata.” In Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 304.

16 Ibidem, p. 46.

17 Ibidem, p. 85.

A comparação entre luto e melancolia corresponde ao método construtivo do ensaio de Freud, contudo a leitura aqui proposta se desviará da reconstrução desse objetivo, pois está baseada no fato de que as diferenças entre um e outro estado permanecem imprecisas, principalmente quando se abandona a ideia de luto normal contra a melancolia patológica e quando percebemos a infiltração de outras condições patológicas que guardam alguma afinidade com o complexo melancólico, a saber, depressão, hipcondria, funcionamentos *borderlines*, situações traumáticas.

Então, em que consiste o trabalho realizado pelo luto? Creio que não é forçado descrevê-lo da seguinte maneira: a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto.¹⁸

No *primeiro momento do luto*, há duas operações psíquicas: a prova de realidade e a movimentação da libido em retorno, em acordo com um dos quatro destinos da pulsão descrito como “retorno à própria pessoa” (*Ich Verkerhung*). Esse movimento não é feito sem oposição, podendo redundar em negação, afastamento da realidade e psicose alucinatória de desejo. Retenhamos como o luto começa por um *juízo*, ou seja, por um ato psíquico que corresponde à admissão de um determinado modo de existência. Lembremos como juízos de existência e juízos de valor são as premissas da teoria freudiana do *juízo*, presentes de forma sintética no texto *A negação*¹⁹ e antecipadas como operação de comparação entre sujeito e predicado, desde *Projeto para uma psicologia científica*.²⁰

A comparação com a melancolia mostra que é aqui que o Eu começa a se criticar, humilhar e a se tornar pobre e vazio: “No luto é o mundo [*Welt*] que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego”.²¹

18 Ibidem, p. 45.

19 Freud, S. (2014). *A negação*. São Paulo: Cosac Naify.

20 Freud, S. (1988). Proyecto de psicología. In Freud, S. *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)* (Coleção Sigmund Freud: Obras Completas, Vol. I). Buenos Aires: Amorrortu.

21 Freud, S. (2010). *Luto e melancolia* (Marilene Carone, Trad. e Notas). São Paulo: Cosac Naify (Obra original publicada em 1917), p. 53.

Temos então dois processos que são habitualmente tratados em conjunto, mas que para nossos propósitos merecem uma separação preliminar: (1) o juízo de existência ou o teste de realidade, e (2) o que torna o mundo ou o Eu mais rico ou mais pobre? O que está envolvido nesse sentimento de mundo [*Weltgefühl*] que poderia ser comparado com o sentimento de si [*Ichgefühl*]? Por que, afinal, Freud privilegia o esvaziamento-empobrecimento do Eu, e não o correlato enriquecimento do mundo? Observemos que o eixo de comparação da pobreza para a riqueza, o juízo de valor contra o juízo de existência, portanto, é um critério clínico e teórico do processo de luto, tornado ainda mais claro na melancolia: “Defeito físico, feiura, fraqueza e inferioridade social (...); só o empobrecimento assume um lugar preferencial entre seus temores e afirmações”.²²

Assim como a melancolia, o luto é a “*reação à perda real do objeto de amor*”²³ (*realen Verlust des Liebesobjekts*). Este é o motivo para que venha à luz “*a ambivalência das relações amorosas*”.²⁴ Assim como a melancolia, o luto:

(...) desaparece depois de certo período de tempo, sem deixar grandes alterações demonstráveis (...). Constatamos que [no luto] era preciso tempo para executar minuciosamente a ordem da prova de realidade, e que depois de realizado esse trabalho o ego liberta sua libido do objeto perdido.²⁵

Encontramos assim o ponto de corte entre o primeiro e o segundo momento do luto, qual seja, a passagem das operações de reconhecimento da perda, real e imaginária, para o seu processo de simbolização, marcado pela reacomodação e retomada das identificações do sujeito.

O *segundo momento do luto* é caracterizado pelos destinos divergentes da perda do objeto (real ou imaginária) e pela regressão (da escolha narcísica de objeto para o narcisismo), ou seja, pela comparação e recomposição

22 Ibidem, p. 57.

23 Ibidem, p. 65.

24 Ibidem.

25 Ibidem, p. 71.

das identificações. Aqui o crivo diferencial se coloca entre a melancolia e o luto normal. No entanto, nada autoriza a concluir que o luto patológico seja a regra de composição do espectro melancólico. Por exemplo, na depressão obsessiva²⁶ estão presentes a autorrecreinação e a culpa, procedente da ambivalência, por ter desejado a perda do objeto, mas isso pode ou não se fazer acompanhar de retração regressiva.

Assim como o luto leva o ego a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo-lhe como prêmio permanecer vivo, também cada uma das batalhas de ambivalência afrouxa a fixação da libido, desvalorizando-o, rebaixando-o, como que também matando-o.²⁷

O termo em alemão para autorrecreinação é *Selbstvorwürfen*, que procede do mesmo verbo *werfen*, “atirar, lançar”, cujo cognato *Verwerfung* define para Lacan o processo psicótico. No vocábulo temos, então, a ideia de atirar-se para fora de si mesmo. Começa a ficar claro aqui que há uma ambiguidade conceitual envolvendo a noção de *pessoa* (*Person*) e o conceito de Eu (*Ich*), indiciada na expressão si-mesmo (*selbst*) e que atravessa todo o texto. Ao todo são dez expressões compostas do sufixo *selbst*, que podem ambigualmente se referir ao eu, a seus ideais, à consciência, ao self ou até mesmo ao sujeito: *Selbstgefühl* (autoestima), *Selbstvorwürfen* (autorrecreinação), *Selbstbeschimpfung* (autoinsulto), *Selbstkritik* (auto-crítica), *Selbsterabsetzung* (autodepreciação), *Selbsteinschätzung* (autoavaliação), *Selbstanklage* (autoacusação), *Selbstquälerei* (autotortura), *Selbstbestrafung* (autopunição) e *Selbstmord* (suicídio).²⁸

Tudo se passa como se Freud separasse o objeto de seu predicado, o amor e o objeto de amor, considerando destinos diferentes para cada um dos casos. O amor pode ser substituído regressivamente pelo narcisismo, mas o objeto, não. A perda do objeto pode desencadear uma alteração do destino da pulsão conhecida como “*retorno à própria pessoa*”, operação inicialmente identificada com o narcisismo, mas que é

26 Ibidem, p. 67.

27 Ibidem, p. 83.

28 Ibidem, p. 46, conforme nota da tradutora Marilene Carone.

mais rigorosamente descrita como masoquismo.²⁹ Nela “o doente ainda tenta conseguir, por meio do rodeio da autopunição, vingar-se dos objetos originários e atormentar seus seres amados através da condição de doente”.³⁰

Outra situação de luto patológico não melancólico examinada aqui é o suicídio. Neste caso, o sujeito teria que “*tratar a si como um objeto*” ou deixar-se subjugar (*überwältigt*) pelo objeto, como acontece no apaixonamento (*Verliebtheit*). Nos dois casos, incide uma condição clínica muito pouco explorada: a angústia de empobrecimento (*Verarmungsangst*). Temos agora, além do enriquecimento do Eu e do empobrecimento do mundo, a angústia de empobrecimento. Ela nos remete diretamente à semântica do verbo “ter” e do sentido intuitivo e antônimo do verbo “perder”. Isso nos leva a pensar que só posso *perder* aquilo que um dia eu *tive*. Mas até onde é justo e rigoroso aplicar o verbo *ter* a pessoas? Realmente possuímos pessoas como possuímos coisas? Este é o dilema subterrâneo da teoria psicanalítica do luto: é preciso aceitar que perdemos aquela pessoa porque ela nos aparece como uma coisa, como um corpo inerte ou um cadáver. Por outro lado, é possível reter da coisa seus predicados, sua memória, seus traços, de tal maneira que a pessoa seja extraída e sobreviva independentemente da coisa. Para essa operação, precisamos contar com uma diferença ontológica entre a perda real, realística ou mundana, e a perda psíquica, representacional ou ideal.

O normal é que vença o respeito à realidade. (...) [Esta incumbência] será cumprida pouco a pouco com grande dispêndio de tempo e de energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto de investimento é psiquicamente prolongada. Uma a uma, as lembranças e expectativas pelas quais a libido se ligava ao objeto são focalizadas e superinvestidas e nelas se realiza um desligamento da libido.³¹

29 Correlato de: “o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, insultando-o, humilhando-o, fazendo-o sofrer e ganhando nesse sofrimento uma satisfação sádica”. In Freud, S. (2010). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify (Marilene Carone, Trad. e Notas). (Obra original publicada em 1917), p. 67.

30 Ibidem.

31 Freud, S. (2010). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify (Marilene Carone, Trad. e Notas). (Obra original publicada em 1917), p. 49.

Paulo César de Souza traduz a parte final deste trecho assim:

Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido *se achava ligada* [*geknüpft*] ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido.³²

Ao traduzir o termo “*geknüpft*” por “ligada”, perdemos a literalidade da palavra que vem de nó “*Knüp*” e cuja letra foi preservada na edição argentina de Etcheverry: “*anudava*”. Dois tipos de nós são descritos no texto: o nó do amor e o nó da guerra (ou do ódio). Temos então um processo que pode ser justificadamente conceituado como um encadeamento ou enodamento entre nós, cuja separação e contagem traduzem as impressões ou lembranças do objeto vivo em comparação com o juízo de não existência.

Temos aqui novamente duas operações: seleção das lembranças superinvestidas e o desligamento da libido. Retenhamos aqui a operação de contagem: *Jeden einzelne der Errinungen* – “Uma a uma, as lembranças (...) são focalizadas”, diz a tradução de Marilene Carone. O problema representado pelo número de impressões envolvido nesse processo atravessa todo o texto de Freud, a ponto de definir quantitativamente o luto:

Se o objeto não tiver para o ego um significado tão grande, reforçado por milhares de laços, sua perda não se prestará a provocar um luto ou uma melancolia. Essa característica da execução minuciosa [*Einzeldurchführung*] (...).³³

São milhares de nós [*tausendfältige Verknüpfung*] submetidos a uma operação que a tradução de Carone chama de “execução minuciosa”, mas que não corresponde ao sentido de *Einzeldurchführung*. Primeiro, porque perde o radical “*durch*”, ou seja, “através de”, o qual está presente, por exemplo, no conceito psicanalítico de elaboração [*Durcharbeiten*]. Depois, porque elide a noção de “*um*” como singular ou único [*Einzelne*]. Finalmente, porque, ao enfatizar a ideia de “execução”, deixa de lado as noções de liderança,

32 Idem, p. 174.

33 Idem, p. 81.

pesquisa ou direção presentes em [*führung*]. Paulo César de Souza escolhe “*executar passo a passo*”,³⁴ que é melhor por ressoar com a ideia de enumeração. Etcheverry também segue esta pista ao propor “*ejecución pieza por pieza*”.³⁵ Poderíamos levantar como alternativa “contabilidade individual” ou “pesquisa do individual”, mas todas essas soluções criam uma expressão composta para aquilo que é, em alemão, uma única operação.

Ora, *einzel* é derivado de *ein*, ou seja, de “um”, podendo ser traduzido por único ou singular, e é um termo de alta carga filosófica. Ele pode ser comparado com o cognato *einzig*, como na expressão destacada por Lacan: traço unário [*einzig* *zug*], que traduz, portanto, dois modos de contar a unidade – a contagem por conjunto (um a um), na qual um traço é focalizado [*eingestellt*] e sobreinvestido [*übersetzt*] para ter sua libido perdida (*Lösung der Libido*), e a contagem do que ainda não fez conjunto e se apresenta como uma coleção de partes, predicados, ou traços, na qual se desconhece o princípio ordenador ou a regra de identidade.

Juntando a ideia elidida de nó [*Geknüpft*] com o problema da tradução da contagem [*Einzeldurchführung*], temos uma justificativa para introduzir a noção de contagem de encadeamentos. Isso é compatível com o que diz Freud: “operação de compromisso [*Kompromissleistung*], que consiste em executar uma por uma [*Einzeldurchführung*] a ordem da realidade [*Realitätsgebotes*].”³⁶ Notemos que passamos do plano do juízo de existência sobre a morte para a ordem da realidade, aqui referida à *Realität*. Observemos que essa operação demanda uma explicação metapsicológica do afeto que a acompanha: a dor.

Mais adiante, já no quadro da comparação com a melancolia, Freud parece definir o resultado desse trabalho, do que estamos chamando de segundo tempo do luto, da seguinte maneira:

34 Freud, S. (2010). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify (Marilene Carone, Trad. e Notas). (Obra original publicada em 1917), p. 191.

35 Freud, S. (1988). Duelo y melancolía. In Freud, S. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico: trabajos sobre metapsicología, y otras obras (1914-1916)* (José L. Etcheverry, Trad., Coleção Sigmund Freud: Obras Completas, Vol. XIV). Buenos Aires: Amorrortu, p. 253.

36 Freud, S. (1975). Trauer und Melancholie. In Freud, S. *Psychologie des Unbewußten* (Coleção Studienausgabe, Vol. 3). Frankfurt: S. Fischer, p. 55.

(...) não podemos discernir com clareza o que se perdeu e com razão podemos supor que o doente também não é capaz de compreender conscientemente o que ele perdeu.³⁷

Primeiro admitimos a perda, depois pesquisamos, lembramos e descobrimos o que se perdeu na perda. Primeiro se considera o objeto, depois se passa ao seu valor ou qualidade, seja como amor, seja como ódio.³⁸

No luto, sabemos o que foi perdido, na melancolia, não. Por isso, na melancolia há autocrítica, autodegradação, delírio de inferioridade, juízos injustos consigo próprio, sentimento de inutilidade, insônia, recusa alimentar, mas, no luto normal, não.³⁹ O melancólico sente satisfação em seu autodesnudamento e na perda de seu autorrespeito; o enlutado normal, não. No melancólico a perda é no Eu; no enlutado, ela incide sobre o objeto. Ora, a fronteira entre um e outro estado começa a ficar cada vez mais improvável, o que se consuma com a inversão sugerida por Freud:

Para eles [os melancólicos], queixar-se é dar queixa no velho sentido do termo; eles não se envergonham nem se escondem, porque tudo de depreciativo que dizem de si mesmos no fundo dizem de outrem.⁴⁰

Ora, se os lamentos [*Klagen*] melancólicos contra si são, na verdade, queixas contra o outro [*Anklagen*],⁴¹ no sentido jurídico, no luto normal as queixas contra o outro, que teria me abandonado, não seriam também queixas contra mim por não me ter feito amável o suficiente para que o outro não me deixasse?

O complexo melancólico, comportando-se como uma ferida aberta, atrai para si a libido investida e contrainvestida, impedindo sua libertação e gerando um “esvaziamento do ego até seu empobrecimento total”

37 Freud, S. (2010). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify (Marilene Carone, Trad. e Notas). (Obra original publicada em 1917), p. 49.

38 Ibidem, p. 51.

39 Ibidem, p. 53.

40 Ibidem, p. 59.

41 “Ihre *Klagen* sind *Anklagen*, gemäss dem alten Sinne des Wortes” (FI, p. 203).

(*entleert das Ich bis zur völligen Verarmung*). Daí o sintoma fundamental da insônia como resistência ao desejo egoico de dormir.⁴² Por isso:

(...) uma perda do ego sem consideração pelo objeto (uma ofensa puramente narcísica ao ego) não basta para produzir o quadro da melancolia e um *empobrecimento da libido do ego*, provocado diretamente por toxinas, não pode gerar formas dessa afecção.⁴³

Notemos a indeterminação entre empobrecimento do Eu e empobrecimento da libido. O Eu se empobrece quando a libido migra para o complexo e se enriquece quando a libido volta ao Eu. Quanto mais libido, mais riqueza. Percebe-se, assim, como o funcionamento do luto depende de um modelo aquisicionista intuitivo: ter objetos, enriquece; perder objetos, empobrece. Mas o contrário não é verdadeiro: ter libido no Eu não o enriquece, mas o torna maníaco; perder libido no Eu não o empobrece, mas o torna capaz de amar os outros e de investir desejo no mundo.

Ora, talvez seja por isso que pesquisas recentes⁴⁴ têm mostrado a fragilidade do modelo psicanalítico para a mania, baseado no contraponto com a melancolia, ainda que *com o mesmo conteúdo*.⁴⁵ A hipótese freudiana é de que ambas lutam com o mesmo complexo, saindo-se o Eu da mania vitorioso, ali onde o Eu melancólico fenece, conforme a fórmula “a sombra do objeto cai sobre o Eu”. Surge assim a ideia da mania como uma “falsa libertação” da libido em relação ao objeto, e a ideia do luto bem concluído, que seria como uma verdadeira libertação. Temos aqui o ponto de corte para entender o terceiro momento do luto, o qual descreve seu término:

42 Ibidem.

43 Freud, S. (2010). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify (Marilene Carone, Trad. e Notas). (Obra original publicada em 1917), pp. 70-71.

44 Bazzo, R. (2019). *O triunfo do Ideal: contribuições para o estudo psicanalítico da mania* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

45 Freud, S. (2010). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify (Marilene Carone, Trad. e Notas). (Obra original publicada em 1917), pp. 72-73.

E o notável é que esse doloroso desprazer nos parece natural. Mas de fato, uma vez concluído o trabalho de luto [*Traumarbeit*], o ego fica novamente livre e desinibido.⁴⁶

No texto de Freud, esse terceiro tempo frequentemente se confunde com uma síntese do trabalho de luto. Mas há espaço para separar o processo de juízo e de comparação que marcam o primeiro e o segundo momento, respectivamente, do ato psíquico de conclusão, em relação ao qual Freud parece estar hesitante: trata-se de uma nova identificação ou da transformação de uma identificação antiga.

(...) a identificação é a etapa preliminar da escolha de objeto, e é a primeira modalidade, ambivalente na sua expressão, pela qual o ego distingue um objeto. Ele gostaria de incorporá-lo, na verdade, devorando-o, de acordo com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal.⁴⁷

O término do luto seria o equivalente da incorporação do objeto perdido no interior do Eu. O modelo dessa incorporação é o canibalismo, que funciona como plataforma de base para toda a teoria freudiana da identificação. No entanto, os argumentos para ligar a melancolia com a oralidade canibal são fracos. Por que a recusa alimentar seria um sintoma tão ou mais importante que os outros? Ademais, se a hipótese é verdadeira, ele deveria ser um sintoma mais constante do que se verifica na casuística.

Também a hipótese da predominância do tipo narcísico de escolha de objeto é insuficiente para diferenciar a melancolia de todas as neuroses narcísicas.⁴⁸ A observação corretiva de Freud estabelece que na histeria não há abandono do investimento de objeto, como ocorre na melancolia. O reparo transfere o problema da regressão ao objeto oral para a regressão no plano da identificação: da histérica para a narcísica. Ainda assim, a solução não é convincente para o próprio Freud, pois ele afirma que:

46 Ibidem, p. 51.

47 Ibidem, p. 63.

48 Ibidem.

De qualquer modo, também nas neuroses de transferência a identificação é expressão de algo comum, que pode significar amor.⁴⁹

De fato, o fim do luto é descrito por muitos autores em associação com a renovação da capacidade de amar. Mas ainda remanesce esclarecer qual seria a diferença entre este encerramento libertador e as falsas liberações representadas pela mania, mas também pela supressão artificial da repressão, por meio do uso de substâncias como o álcool. Ainda assim, a alegoria de referência retoma o tema da pobreza e da riqueza no contexto da liberdade:

Por exemplo, quando um pobre-diabo [*armer Teufel*] fica subitamente liberado, por uma grande soma de dinheiro, da preocupação crônica com o pão de cada dia, quando uma longa e árdua luta finalmente se vê coroada de êxito, quando se chega a ter condições de poder desfazer de um só golpe de uma coerção opressiva, ou de uma dissimulação que se prolongou por muito tempo etc. Todas essas situações se caracterizam pelo estado de ânimo elevado, pelas marcas de descarga de um afeto de alegria e por maior prontidão para todos os tipos de ação, como na mania, em completa oposição com a depressão e a inibição da melancolia.⁵⁰

Assim como o melancólico não sabe o que perdeu, o maníaco não sabe o que ganhou. Por isso, o maníaco demonstra sua libertação do objeto que o fez sofrer como um faminto (*Heisshungriger*) que sai à procura de novos investimentos.⁵¹ Ao contrário de ambos, as neuroses de transferência conquistaram sua liberdade por meio do trabalho do luto, que lhes propiciou um saber. Por sua vez, o depressivo, assim como o traumatizado,⁵² está estacionado em algum momento anterior nesse trajeto de libertação.

(...) o luto normal também supera [*überwindet*] a perda do objeto e enquanto dura ele absorve igualmente todas as energias do ego. Por que,

49 Ibidem, p. 65.

50 Ibidem, p. 75.

51 Ibidem, p. 77.

52 Ibidem, p. 83.

depois que passou, não há indícios de que se produziu nele a condição econômica para uma fase de triunfo?⁵³

Essa questão leva Freud à conjectura que integra os dois tempos anteriores do luto. Para cada uma das recordações [*Erinnerungen*] ou situações de expectativa [*Erwartungssituationen*] que são comparadas entre o Eu e o objeto perdido, a realidade traz à tona seu veredito de que o objeto não existe mais. Nesse ponto, o ego seria indagado se quer compartilhar o destino com o objeto perdido e a satisfação de estar vivo desfaz sua ligação com o objeto aniquilado.⁵⁴

Podemos imaginar que esse desligamento se dá tão lenta e gradualmente, que ao terminar o trabalho também se dissipou o gasto que ele requeria.⁵⁵

Ou seja, um bom trabalho de luto termina com o preço justo entre a elaboração das perdas e o bônus da sobrevivência:

É possível que o processo chegue ao fim dentro do sistema *Inc*, quer depois que a fúria se aplacou, quer depois que se desistiu do objeto por ser ele destituído de valor. (...) Talvez o ego possa com isso desfrutar da satisfação de poder se reconhecer como melhor, como superior ao objeto.⁵⁶

Voltamos aqui à economia da pobreza e da riqueza, dos que se foram e dos que sobreviveram. As três premissas da melancolia são também três tarefas enfrentadas por todo e qualquer luto: a perda do objeto, a ambivalência e a regressão da libido para o Eu. Depois disso, podemos ter o triunfo maníaco ou a aceitação. A situação para o melancólico é mais difícil:

(...) “a representação inconsciente (de coisa [*Ding*]) do objeto é abandonada pela libido”. Mas na realidade essa representação está no lugar de incontáveis impressões singulares (seus traços inconscientes) e a execução

53 Ibidem.

54 Ibidem, p. 79.

55 Ibidem, p. 80.

56 Ibidem, p. 85.

dessa retirada de libido não pode ser um fenômeno de um instante, mas, como no luto, certamente, um processo moroso, que progride pouco a pouco.⁵⁷

Voltamos ao problema da contagem dos traços, que será redescrito mais adiante como “*inúmeras batalhas isoladas, nas quais amor e ódio competem entre si*”.⁵⁸ Assim, a contagem do traço para desligar a libido do objeto, vamos dizer, subtrair-lhe libido é $[-1]$, e a outra contagem de traço para defender a posição da libido é $[+1]$. Tais batalhas ocorrem no inconsciente entre o “reino dos traços mnêmicos de coisas” [*sachlichen Erinnerungsspuren*] em oposição ao “investimento de palavras [*Wortbesetzungen*]”.⁵⁹ Voltamos, assim, inesperadamente ao problema da relação entre coisas e pessoas, agora desdobrado em coisas, pessoas e palavras. Ao que tudo indica, essa diferença envolve a diferença entre traços [*Zug*], marcas [*Spur*] e representação [*Vorstellung*], tendo entre elas as impressões incontáveis [*ungezählte Einzeleindrücke*].

Como comparar ou identificar quando a representação coisa [*Dingvorstellung*] está no lugar de “*incontáveis impressões singulares (seus traços inconscientes)*” [*ungezählte Einzeleindrücke (unbewusste Spuren derselben)*]? O problema é ainda maior se consideramos que a palavra “coisa” tem dois correlatos em alemão: *das Ding*, para objetos reais ou transcendentais, e *die Sache*, para objetos abstratos ou humanos. A diferença não é estável e clara na língua, mas, conceitualmente, *Ding* remete àquilo que permanece em si e *Sache* ao que pode ser comparado, trocado, medido ou contabilizado.

O conjunto dessas observações resume o problema que este livro quer levantar em torno dos lutos finitos e lutos infinitos:

- a. Se as impressões da “pessoa perdida” são *incontáveis* [*ungezählte*], como elas podem ser comparadas exaustivamente [*Einzeldurchführung*], todas elas, uma a uma, com o ego?

57 Ibidem, p. 86.

58 Ibidem, p. 81.

59 Ibidem.

- b. Se essas impressões são singulares [*Einzeleindrücke*], como elas podem ser comparadas ou reunidas com outras impressões, digamos, genéricas, como os traços unários das identificações [*Einziger Zug*]?
- c. Se no processo de luto temos que produzir uma nova identificação por meio de um novo traço único [*Einzeln Zug*] no interior do eu, e se este novo traço decorre das comparações entre signos inconscientes [*unbewusste Spuren derselben*], seriam estes novos traços únicos e singulares, idênticos a si mesmos [*selbst*], posto que substituem o objeto, ou seriam eles diferentes de si mesmos?

Reencontramos aqui as três concepções historicamente fundamentais de infinito. O incontável é uma versão do infinito como infinitesimal, tendente a zero, definido por Cauchy, em 1826, como limite ou variável dependente. O infinito como unário parece ser um caso do infinito como contínuo, definido por Dedekind, em 1858, a partir do número real e do método da divisão. Finalmente, o problema da identidade do infinito teria sido enfrentado por Cantor, em 1859, a partir do método da diagonal. Discretude, limite e continuidade são três problemas matemáticos envolvidos no problema legado por Freud sobre o luto.

(...) o problema lógico simbólico na definição formal dos infinitos: por mais que a intuição nos pareça evoluir para a elaboração formal de uma formalização de uma dada quantidade, infinitamente grande ou pequena – por exemplo pelos axiomas de Peano, números Hiper-reais ou números Surreais – ainda estamos limitados pela quantidade finita de símbolos e ideias empregados e submetidos a uma interpretação mental, de onde vem a dificuldade de entender seus significados. É como se entendêssemos o infinito por um não-ser: o infinito não é tudo aquilo que se é capaz de pensar – embora tal não-ser possa ser simbolizável formalmente”.⁶⁰

A ideia de uma heterogeneidade interna ao conceito de infinito combina, intuitivamente, com o contraste entre a exposição linear e progressiva

60 Abrahão, F. S. (2009). Infinitos e infinitesimais: um problema matemático. In *Scientiarum História II – 2 Congresso de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia*, 2009, Rio de Janeiro. pp. 811-815.

de seu conceito e a irregularidade e diversidade de apresentações clínicas do luto. Nunca é como uma casa, que se começa pelos alicerces e se termina pelas portas e janelas. Ao contrário, na experiência corrente vemos os vários trabalhos envolvidos no luto se revezarem em temporalidades próprias: risos erráticos no começo e no fim, alternações de humor, afetos de estranhamento, descrença e despersonalização, irrealização do acontecimento, culpa e vergonha, choro e alívio, tudo isso se mistura em movimentos não lineares. Se não há progresso, nesse sentido, é possível descobrir que uma das alas na mansão ou um dos cômodos do barraco se fez notar pela ausência. Às vezes nos dedicamos demais a um ângulo da perda ou ficamos excessivamente raivosos e indignados com o empregado. Ao final e ao cabo, o luto é uma complexa operação de reparação da experiência, simbolização da perda e criação de um novo desejo.

Luto e melancolia não é a palavra final de Freud sobre o tema. Curiosamente, os adendos à sua concepção de luto aparecem em formatos desiguais, cartas pessoais, como a já mencionada a Binswanger, em que se introduz a noção de lutos decididamente infinitos, mas também, de modo apêndicular, em *Totem e tabu* (1912-1913), em pequenos opúsculos como *Sobre a transitoriedade* (1916 [1915]), sem falar na presença transversal do tema do luto na redação de *A interpretação dos sonhos* (1900), com a morte do pai de Freud, e em *Além do princípio do prazer* (1920), com a perda de sua filha Sophie.

Sobre a transitoriedade, escrito contemporâneo da redação de *Luto e melancolia*, examina o problema do luto de uma perspectiva diferente da perda amorosa e individual. Nele, Freud trata da ideia de que “*toda beleza está destinada a desaparecer*”,⁶¹ ou seja, de que os lutos amorosos são casos particulares de um processo mais geral de “*desaparecimento*” das coisas, pessoas, nações e épocas. Essa abordagem será retomada e generalizada, cinco anos mais tarde, em *Além do princípio do prazer*, mas sem o elemento essencial aqui que é a perspectiva estética. A *Vergänglichkeit*, ou seja, substantivo derivado do verbo *gehen* (andar, passear, caminhar),

61 Freud, S. (1988). La transitoriedad. In Freud, S. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico: trabajos sobre metapsicología, y otras obras (1914-1916)* (Coleção Sigmund Freud: Vol. XIV). Buenos Aires: Amorrortu, p. 309.

é um princípio universal que ofende nosso desejo de permanência. Daí também que o valor seja produzido em escala direta da escassez da temporalidade, virtualmente da finitude da vida humana. A eternidade se deduziria, então, da inversão e da negação dessa finitude. A fugacidade e a efemeridade dos acontecimentos, exemplificados pelos efeitos estéticos, não se dobram ao caráter passageiro das coisas, *“ainda que uma flor só se abra em uma única noite, sua florescência não nos parecerá menos esplêndida”*.⁶² Considerando o luto um processo de desapego e retirada gradual de nossa “propriedade” sobre o objeto perdido, Freud mobiliza a experiência estética da transitoriedade como uma espécie de contrário do luto, ou, como nós preferimos dizer, um luto infinito da transitoriedade infinita que habita nossa existência:

Tem de ter sido a revolta psíquica contra o luto o que desvalorizou o gozo do belo. A representação de que o que era belo era transitório deu aos mais sensíveis um prenúncio do luto pelo seu declínio (*Untergang*) e, uma vez que o psíquico se aparta instintivamente de tudo que é doloroso, sentiram uma depreciação do prazer estético na ideia de transitoriedade. O luto pela perda de algo que amamos ou admiramos parece ao leigo tão natural que chega a ser óbvio. Para o psicólogo, ao contrário, o luto é um grande enigma, um daqueles que alguém não explica por si mesmo.⁶³

A destruição, a efemeridade e a transitoriedade, via de regra, seriam, assim, um caminho para “superar as diferenças entre povos e raças”. O problema de fundo aqui é evitar o efeito de empobrecimento que advém com o fim de uma vida ou de um grande amor. Como se pelo simples fato de terem acabado perdessem algo de seu valor, a ponto de, às vezes, duvidarmos de sua existência e de sua qualidade. Aqueles que pensam e sentem assim, diz Freud, o fazem simplesmente porque estão em estado de luto.

Sabemos que o luto, por mais doloroso que seja, expira de maneira espontânea. Quando acabamos de renunciar a tudo o que foi perdido, devorou-se

62 Ibidem, p. 310.

63 Ibidem, p. 310.

também a si mesmo, e então nossa libido fica de novo livre para, se, todavia, formos jovens e capazes de vida, substituir-nos os objetos perdidos por outros novos que sejam, se possíveis, tão ou mais apreciáveis.⁶⁴

Aqui surgem duas ideias que contrariam a linha tomada em *Luto e melancolia* e adquirem a mais alta relevância para as hipóteses centrais deste livro. Em primeiro lugar, o luto não é definido apenas como uma devoração, incorporação ou identificação do outro, mas como “autodevoração”, autodissolução e desidentificação de si mesmo. Em segundo lugar, o luto é considerado uma revolta e um estado de não aceitação provisória da *transitoriedade*, e aqui Freud não usa o termo *morte*, nem *finitude*, como negação da vida. Isso nos remete a um conceito que anuncia a pulsão de morte, como uma espécie de luto infinito, inerente à existência humana e ao trato entre vivos e mortos, ou seja, o infamiliar (*Unheimliche*).

PAIDÓS

64 Ibidem, p. 311.